

# Acompanhe o comportamento da nossa economia

A economia entrou em desaceleração que, a persistir, conduzirá rapidamente o País a uma recessão, prevê a economista Maria Cristina Pinotti, da Delphos Consultória Econômica, com base no estudo dos principais indicadores da economia brasileira — como preços, produção, consumo, balança comercial, emprego, títulos protetados.

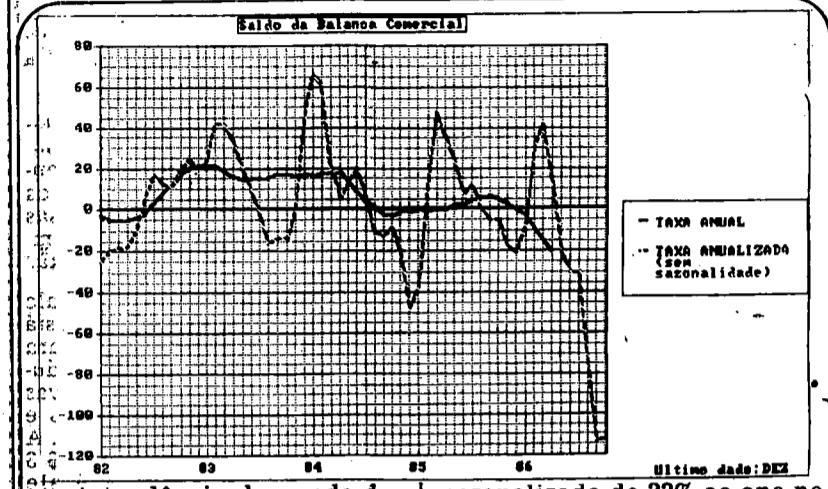
A economista, doutoranda na USP, trabalha com dados anualizados e dessazonalizados. Ou seja, os dados do mês são projetados para os próximos 12 meses, suprindo-se porém as tendências sazonais (da estação).

Os gráficos a seguir retratam as tendências recentes. As linhas pontilhadas refletem as taxas anualizadas, sem sazonabilidade, en-

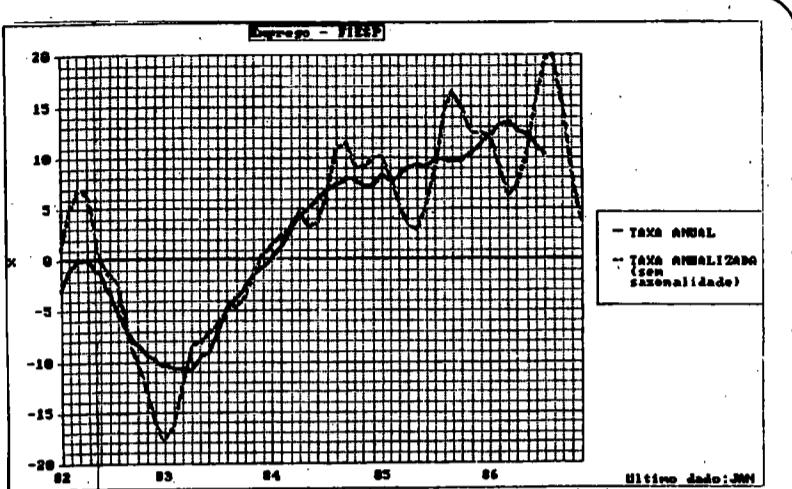
quanto as linhas cheias indicam a tendência dos últimos 12 meses — um indicador direto, sem qualquer tratamento.

Maria Cristina Pinotti

observa que o sistema de acompanhamento por médias só irá refletir os dados conjunturais com atraso de vários meses, variável conforme a série econômica em estudo.

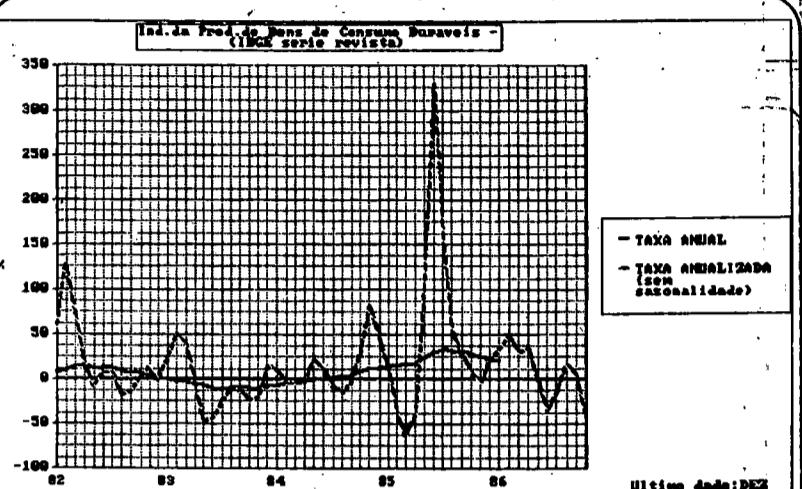


A tendência de queda dos saldos comerciais resulta tanto da redução das exportações quanto do aumento das importações. As exportações decresceram à taxa desazonalizada de 88% no bimestre novembro/dezembro, com decréscimo médio de 12% em 1986 e 5,2% em 1985. Em 1986, somente 2 meses mostraram exportações superiores às do mesmo mês do ano anterior — janeiro e maio, com +0,6% e +24%. Mas a retomada de exportações após o cruzado, afirma a economista Cristina Pinotti, foi episódica. Já as importações cresceram à taxa des-



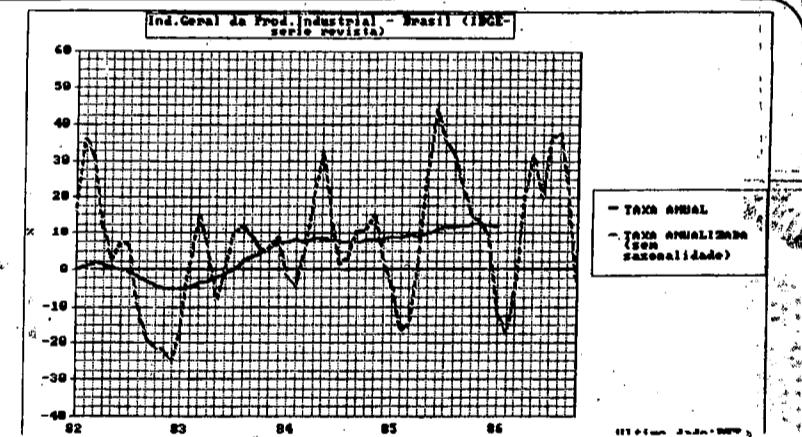
A taxa anualizada e desazonalizada do nível de emprego industrial na Grande São Paulo (Fiesp), que evoluiu em janeiro/86 à taxa de +12,4%, teve uma queda no ritmo após o cruzado (+6,4%), recuperou-se depois até atingir +20% em outubro (seu nível mais alto) declinando depois a 15,4% em novembro, 8,1% em dezembro e 3,5% em janeiro de 1987. Esse dados, na avaliação da economia, fazem parte de um quadro

maior que aponta para uma recessão em curso. Isoladamente, entretanto, não constituem o dado mais flagrante. E o índice de desemprego da Fundação IBGE, que mostrava seu nível mínimo de 2,1% em dezembro, contra 3,1% em dezembro/85, retrataria com menor fidelidade a situação atual, até porque em São Paulo, as tendências são percebidas com mais rapidez — a principal metrópole antecipa movimentos.



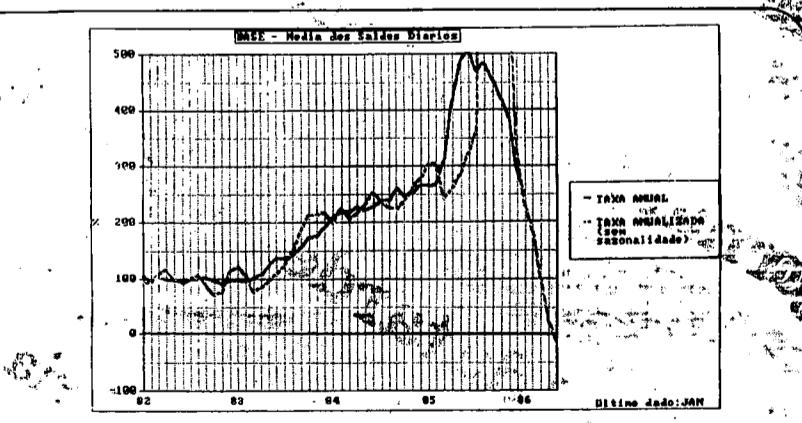
A tendência de queda na produção de bens duráveis (contra -9% até novembro). A taxa anualizada e desazonalizada de dezembro chegou a -40,7%.

O boom de consumo de duráveis, portanto — observa a economista — foi antes e não depois do Plano Cruzado, certamente sob influência da redução da oferta.



Os indicadores de produção industrial do IBGE mostravam no 2º semestre de 1985 um crescimento de 29% (26% na Fiesp), com estabilidade (crescimento zero) no 1º semestre de 1986 e nova inflexão — primeiro positiva, e depois negativa — no 2º semestre. Na segunda metade de 1986, portanto, a evolução foi de +23%. Mas, em dezembro, a taxa anualizada passava a negativa: -3,5%. A tendência de queda, observa Maria Cristina Pinotti, só se manifesta a partir do último trimestre.

A evolução da base monetária, em taxas anualizadas e dessazonalizadas, oscilou entre os 220 e os 300% em 1985, sem grandes sobre-saltos, observa Maria Cristina Pinotti. Mas depois dos 280% de janeiro e 330% de fevereiro/86, com o Plano Cruzado ela disparou: de 363,5% em março passou a 859,3% em abril até o máximo de 1.799,1% em maio, declinando progressivamente a partir daí, até atingir taxas negativas em janeiro/1987. Essa contração no crescimento da base monetária, em especial a partir de agosto, preparou o caminho para uma recessão neste início de ano.



O indicador de produção de bens de consumo em geral (IBGE) cresceu a 38% em média no 2º semestre de 1985, declinou a -6% no 1º semestre de 1986 e voltou a crescer (+25%) no 2º semestre de 1986. Como esse indicador engloba bens duráveis e não duráveis, constata-se que no ramo mole o crescimento continuou significativo, indicando, inclusive, mudança na composição da demanda — inicialmente em benefício das camadas menos favorecidas. Como essas são também as mais atingidas durante uma recessão, a economista Pinotti admite que a reversão desse indicador poderá ser muito intensa.

